



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14733 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES/DIFERENÇAS DAS CRIANÇAS NEGRAS NA CRECHE

Claudia Silva - UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

José Licínio Backes - UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES/DIFERENÇAS DAS CRIANÇAS NEGRAS NA CRECHE

Introdução

A pesquisa tem como objetivo principal analisar o processo de construção das identidades/diferenças das crianças negras na creche, identificando como as interações estabelecidas entre elas e o contexto afeta suas identidades étnico-raciais. Como objetivos específicos, pretendeu-se verificar as interações das crianças na creche, acompanhando os diálogos entre elas e as sutilezas dos contatos estabelecidos, com foco nas crianças negras; conferir os brinquedos utilizados e verificar se (e como) a escola apresenta personagens negros nos artefatos culturais e na literatura infantil.

A análise é de abordagem qualitativa e de inspiração etnográfica. O referencial teórico-metodológico se inspira no campo dos Estudos Culturais, articulados aos estudos das relações étnico-raciais e à sociologia da infância.

O local escolhido para a produção dos dados foi um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) no município de Rondonópolis, em Mato Grosso, MT. A principal técnica utilizada foi a observação participante. As crianças foram acompanhadas por um período de dez meses. Os sujeitos da pesquisa foram as crianças de 3 anos, do 3º Agrupamento da educação infantil, as professoras e a estagiária da turma.

Qualquer atividade desenvolvida na educação infantil precisa considerar em primeiro lugar, sua natureza dinâmica, brincante e interativa. Nesta pesquisa, substituímos a concepção clássica de socialização pela concepção produzida pelo campo da sociologia da infância que “[...] considera a importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares” (Delgado; Muller, 2005, p. 351).

Pesquisas desenvolvidas com crianças da educação infantil que problematizam a construção da identidade racial revelam que “[...] a identificação racial negra apresentada pelas crianças, em algumas situações, estava carregada de uma significação negativa e permeada por sentimentos negativos, como angústia, agressividade e constrangimento”. (Mendes, 2016, p.9).

Este resultado se coaduna a tantos outros, assinalando a necessidade de novas pesquisas, pois se a construção da identidade racial da criança negra está permeada por significações e sentimentos negativos, pode ser importante aprofundar-se nas análises das relações estabelecidas com e entre as crianças, por meio do acompanhamento sistemático do cotidiano escolar, buscando compreender como e em que circunstâncias são produzidos esses sentimentos impresumíveis e como eles afetam a subjetividade da criança.

Desenvolvimento

Com relação às interações na creche, foi possível verificar que as crianças, enquanto brincavam, dialogavam o tempo todo: sobre o brinquedo, sobre a brincadeira... E principalmente sobre o tema brincado. “O bom é que elas demonstravam alegria, intensidade e capacidade de se acolherem”. (Caderno de campo da pesquisadora - 19/08/2022). Era evidente o envolvimento de cada uma delas.

Segundo Cavalleiro (2011, p. 52):

[...] há um indicativo de que os pequenos alunos na fase pré-escolar percebem as diferenças étnicas. Segundo as próprias professoras, as crianças já podem reconhecer as diferenças a partir do momento em que ingressam na pré-escola, aos quatro anos. (Cavalleiro, 2011, p.52)

No caso da nossa pesquisa, ficou evidente que as crianças de três anos também já percebiam as diferenças étnicas, elas sabiam exatamente quais eram as pessoas brancas e negras, mas, essas diferenças não as impediam de brincarem juntas. Esta constatação está alinhada com outras pesquisas desenvolvidas com crianças da educação infantil (Cardoso, 2018). Contudo,

Podemos concluir que, aos 4 anos de idade, as crianças já passaram por processos de subjetivação que as levaram a concepções muito arraigadas no nosso imaginário social sobre o branco e o negro e, conseqüentemente, sobre as positivities e negatividades atribuídas a um e outro grupo racial. (Oliveira, 2005, p. 30)

Não pretendemos aqui estabelecer uma idade fixa para tais representações, pois reconhecemos que as subjetividades (não só das crianças) são forjadas de acordo com múltiplos determinantes.

Acompanhando as interações das crianças na brinquedoteca da creche, encontramos um espaço arejado e bem organizado, bem provido de brinquedos distintos e com uma boa quantidade de bonecas.

Naquele espaço brincante, as crianças eram livres para escolherem seus brinquedos, bonecas pretas e brancas, grandes e minúsculas eram escolhidas casualmente. Na brinquedoteca, diferentes temas eram representados: cozinha, mercado, *shopping*... E todos os brinquedos eram utilizados. As crianças procuravam resgatar os brinquedos com os quais já haviam brincado antes.

Verificando-se (e como) a escola apresentava personagens negros nos artefatos culturais presentes no espaço escolar, notamos que os cartazes expostos exibiam brancura. Foi encontrada uma maioria de imagens de crianças brancas nos cartazes e nos murais. Segundo Souza,

É por inúmeras maneiras que o racismo aflora no sistema educacional – na ornamentação do espaço, na distribuição das imagens que compõem as salas, os corredores e as portas [...]. Existem muito poucas gravuras com as quais a criança preta ou parda (criança negra) possa se identificar. (Souza, 2016, p.155)

A maioria das escolas brasileiras, mesmo sendo frequentadas majoritariamente por crianças negras, exibe na sua decoração, crianças brancas, e quase sempre de olhos azuis.

Enquanto a escola continuar negando a existência do racismo institucional, enquanto continuar elegendo imagens de crianças brancas para estampar os painéis e exposições, dificilmente se resolverá o problema do preterimento da criança negra em instituições de atendimento coletivo. “É preciso vencer a naturalização do branqueamento e do racismo divulgado diuturnamente nas escolas”. (Souza; Diniz, 2018, p. 289)

Nessa perspectiva, notamos que no dia 28 de fevereiro de 2023, a professora apresentou para as crianças algumas atividades relacionadas aos cinco sentidos, mostrou para a turma alguns encartes representativos e passou um vídeo explicativo sobre o tema. E, mais uma vez, as imagens que apareceram eram exclusivamente de crianças brancas. Algumas até apresentavam algum tipo de variação no formato ou no tom dos cabelos, mas, de modo geral, os traços fenotípicos eram todos de pessoas brancas: lábios e nariz afinados, olhos azuis e o tom de pele genuinamente claro.

De acordo com Stuart Hall

[...] as imagens que vemos constantemente a nossa volta nos ajudam a entender como funciona o mundo em que vivemos, como essas imagens apresentam realidades, valores, identidades, e o que podem acarretar, isto é,

quem ganha, quem perde com elas, quem ascende, quem é incluído e quem é excluído, como fica a situação particular dos negros nesse processo? (Hall, 2016, p.10)

No Brasil essa supervalorização do fenótipo branco, de olhos azuis, é uma realidade desde o período colonial. Mas, ainda nos surpreende o fato de escolas públicas, onde a maioria das crianças são negras, insistir em priorizar estas imagens.

E não é só a escola que insiste nestas representações, basta adentrar numa loja de brinquedos, para verificar que bonecas e bonecos brancos, são produzidos, majoritariamente de olhos azuis. O que na realidade é uma exceção, passa a ser a regra.

Com relação à literatura infantil utilizada com a turma, encontramos novamente, evidências de uma escola curvada à branquitude: todos os livros expostos em uma determinada data comemorativa retratavam personagens brancos na capa, e a maioria deles apresentavam meninas brancas, de cabelos lisos e olhos azuis, bem longe do padrão da maioria das meninas brasileiras. Como fica a representatividade das crianças negras? Mesmo as meninas e os meninos negros de pele clara não se veem representados.

A falta de referência para crianças negras é realmente preocupante. Elas são compelidas a se conformarem com um conjunto de imagens e narrativas que não as mencionam.

Entre uma atividade e outra, coisas acontecem, relações se estabelecem e práticas (arraigadas) se evidenciam. Registramos, por meio da observação participante, que na tarde do dia 26/06/2023, por algum motivo, uma menina negra se desentendeu com uma das meninas brancas (isso faz parte do cotidiano da educação infantil). O fato é que ela acaba se refugiando embaixo da mesa e **não por acaso**, o livro que a menina encontrou disponível foi o clássico *Branca de Neve*, que apresenta uma narrativa que enaltece sobremaneira as características da menina branca, elevando-a a uma condição de indiscutível superioridade em relação a todas as demais crianças.

MVP permaneceu embaixo da mesa por um bom tempo ruminando insatisfação e apreciando uma obra que, sequer considera a existência de pessoas negras. Apesar de não saber ler convencionalmente, a criança sabe de cor a narrativa apresentada na referida obra. (Caderno de Campo da pesquisadora, 26/06/2023).

Quando a criança não se vê em nenhuma das histórias e não se reconhece valorizada num determinado contexto, ela começa a questionar a própria aparência. Submetida a esta situação reiteradamente, acaba por comprar a ideia (errônea) de inferioridade, de fealdade e de desimportância.

Considerações finais

Por desenvolver um trabalho voltado exclusivamente para as crianças brancas, a escola muitas vezes tira das crianças negras as oportunidades de se verem representadas nos artefatos culturais, diminuindo suas possibilidades de identificação positiva. Apresentar na escola somente imagens de pessoas brancas pode influenciar positivamente as crianças brancas e na mesma proporção desmotivar as crianças negras, mesmo as de pele mais clara.

As análises dos dados revelaram uma prática docente curvada à branquitude, seja por meio das imagens, das atividades propostas ou dos artefatos culturais. Contudo, encontramos sinais de ruptura nas interações e sutilezas dos contatos estabelecidos entre as crianças, notamos momentos nos quais elas interagem independente da cor da pele, momentos de cumplicidade estabelecida entre elas, entre todas elas.

Palavras-chave: Creche. Crianças negras. Identidade e diferença

Referências

CARDOSO, Cintia. **Branquitude na educação infantil:** Um estudo sobre a educação das relações étnico-raciais em uma unidade educativa do município de Florianópolis, 2018. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2018, 178p.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceito e discriminação na educação infantil, 6ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91. 2005, p. 351-360.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016. Trad. Daniel Miranda e Willian de Oliveira.

MENDES, Marília Silva. **A identidade racial a partir de um grupo de crianças da educação infantil da rede municipal do Recife.** 2016. 158f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Associado em Educação, Culturas e identidades) – Universidade Federal Rural De Pernambuco, Recife, 2016.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. **A formação de educadores e as diferenças.** In: Formação continuada de professores. VIII Congresso estadual paulista sobre formação de educadores, UNESP, Pró-Reitora de Graduação, 2005, p.49-59.

SOUZA, Edmacy Quirina de. **Crianças negras em escolas de “alma branca”:** um estudo sobre a diferença étnico-racial na educação infantil. 2016. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SOUZA, Edmacy Quirina de; DINIS, Nilson Fernandes. Imagem, branqueamento e branquitude nas escolas de educação infantil. **Revista RBBA Revista Binacional Brasil Argentina**, Vitória da Conquista V.7 nº 1, 2018, p. 278-301.

